

## **Democracia, política e participação: a museóloga Waldisa Rússio**

Inês Gouveia<sup>1</sup>

### **Resumo:**

Neste artigo são apresentados e analisados aspectos da trajetória pessoal e profissional da museóloga brasileira Waldisa Rússio Camargo Guarnieri. Evidencia-se sua identificação com as referências familiares, destacadamente seu avô e sua mãe. Relaciona-se sua origem social, gênero e formação escolar para observar como ela desempenhou sua atuação profissional. Destaca-se como a ideia de trabalho e trabalhador foi estruturante para Waldisa, tanto em sua visão de mundo, quanto em relação as suas jornadas de trabalho. Nota-se como isso se relacionou também à defesa de que o museólogo deveria ser um trabalhador social. Considerando sua trajetória no serviço público no estado de São Paulo, a formação no mestrado e no doutorado, argumenta-se que Waldisa se inseriu em uma posição de destaque no campo museológico brasileiro, oferecendo uma perspectiva política que não estava colocada. A respeito da elaboração político-administrativa, enfatiza-se a sua participação no ensejo de formulação de políticas de cultura e políticas museológicas. Conclui-se, que a brasileira encarnou a dimensão crítica também como meio e possibilidade de ser autorizada a falar no campo

---

<sup>1</sup> Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro  
[inescgouveia@gmail.com](mailto:inescgouveia@gmail.com)

museológico. Por fim, observa-se que sua atitude política esteve relacionada ao seu contexto, e se conclui que os desafios dos anos 1980 ainda têm correspondência com o presente, no todo social e no campo museológico.

**Palavras-chave:** Waldisa Rússio Camargo Guarnieri; política museológica; participação

**Abstract:**

In this issue, they are showed and analyzed professional and personal aspects of Waldisa Rússio Carmago Guarnieri path. It is presented her family references in her activities, specially, the influence of her grandfather and mother. Her social origin, gender and schooling are highlighted in order to observe her professional performance. The aim is pointing out that her ideas about workers and work conditions became important structures since they developed her worldview and her way to handle work routine. This context provides why she struggled for the social work dimension in the musuologist career. If it is considerate her path in São Paulo public service, besides her master and doctorate degrees, Waldisa has a singular position in Brazilian museology field. Moreover, this paper presents a political perspective about her career and that it is not usually mentioned. In the political-administrative dimension, it is emphasized her participation in the elaboration of culture and museological policies. To sum up, it is possible to see that Brazilian woman assumed a critical position in the field which she worked because it was a strategy took by her to be heard and authorized in museology. Therefore, it is admited that Waldisa's political behavior was related to the context that she lived. Finally, it is noticed that some challenges who were perceived in the eighties remain nowadays in those fields.

**Keywords:** Waldisa Rússio Camargo Guarnieri; museological policy, participation,

## **Apresentação**

Esse artigo é resultado da pesquisa e tese de doutorado, recém-concluída, intitulada “Waldisa Rússio e a Política no Campo Museológico”. Neste trabalho observei a atuação da

museóloga e, em paralelo, a forma como outros agentes e instituições se relacionaram nos anos 1970 e 1980 no Brasil, a respeito da Museologia, dos museus e dos museólogos. A pesquisa foi instruída principalmente por bibliografia de referência, pela análise de fontes documentais e de testemunhos orais. Empreguei também fundamentos teóricos e metodológicos explicitados na tese, e que implicam as análises e conclusões. As análises são, portanto, devedoras dessas referências e do processo geral de pesquisa, ainda que em um texto mais objetivo isso às vezes fique implícito. Como recorte, apresento uma parte da história de Waldisa e relaciono o aproveitamento de sua experiência e conhecimentos para o ensejo de elaboração de uma política museológica nos anos 1980. Deste modo, argumento como ela fez emergir uma visão, uma narrativa e uma atitude particular em seu contexto profissional na Museologia brasileira.

Conforme se pode observar pela leitura da publicação “Waldisa Rússio Camargo Guarnieri – Textos e Contextos de Uma Trajetória Profissional”, organizado por Maria Cristina Oliveira Bruno (2010), Waldisa Rússio é reconhecida e lembrada hoje no Brasil em virtude de sua atuação no campo museológico, principalmente entre os anos 1970 e 1980. Além de fundar um Curso/Instituto de Museologia e outras associações, ela participou do debate a respeito da profissionalização de museólogos e se dedicou a elaborar teórica e conceitualmente a Museologia, enquanto campo de conhecimento. Dentre diversos outros aspectos de sua intensa vida profissional, destaco aquele que me parece dos mais relevantes: Waldisa se colocou criticamente a respeito dos museus e das práticas museais de seu tempo. Ela identificou que os museus vinham sendo criados à serviço, imagem e semelhança das elites e que a forma como o campo museológico estava organizado contribuía para isso.

Vivendo em um contexto histórico específico (como qualquer indivíduo), a trajetória de Waldisa Rússio reflete esse

tempo, em que ela se inseriu como agente ativo, criou possibilidades e viveu limites. Sem pertencer originalmente à classe dirigente<sup>2</sup>, ela foi como vários outros agentes que manifestam a intenção de alterar a ordem social colocada, forçando regras impostas e reproduzidas pelas instituições que estruturam a sociedade. Sua atitude não foi contemplativa, ao contrário, foi engajada. Waldisa acreditou na mudança social e no humano como potência transformadora e de modo coerente isso figurou em sua Museologia.

A museóloga paulistana fez parte de uma geração que viu um brusco crescimento da classe média urbana no país, com o aumento de postos de trabalho (inclusive na burocracia estatal), criação de profissões e carreiras. Acreditava que a transformação social aconteceria em razão de uma melhor condição de emprego e distribuição de renda, numa perspectiva de desenvolvimento. Essa esperança era nutrida por sua própria experiência cotidiana em São Paulo, pela crença no progresso dado pela industrialização, pela ciência e tecnologia. Para Waldisa Rússio a potência da transformação estava no trabalho, desempenhado pelo trabalhador consciente e crítico sobre seu papel social, e sobre aquilo que resulta de seu trabalho (sua produção).

### **Waldisa [Pinto] Rússio [Camargo Guarnieri]<sup>3</sup>**

Como é possível sintetizar a experiência de uma trajetória, criando uma narrativa biográfica, se uma pessoa certamente não é uma unidade objetiva, como o produto da

---

<sup>2</sup> Conforme a expressão utilizada em: MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>3</sup> Antes do casamento assinava Waldisa Pinto Rússio. Passou a utilizar o nome da família do marido, após formalizar a união (quando tinha mais de 20 anos de casada), assinando Waldisa Rússio Camargo Guarnieri. Vale observar que a adoção do sobrenome do marido tinha um sentido importante para evidenciar o status social da mulher e o respeito a ela atribuído, ainda que desde a década de 1970 não fosse mais uma obrigação para a mulher.

soma dos seus dias? Qual percentual do indivíduo diz respeito a predisposições genéticas, traços de sua personalidade, gostos, desejos, limites psíquicos, crenças, signo na Astrologia etc?<sup>4</sup> A tudo isso, soma-se de forma irregular e imprecisa a experiência da sociabilidade: o zelo fraternal, o cotidiano escolar, os valores morais e éticos instituídos culturalmente, os ritos sociais, a conjuntura econômica, social e outros. Waldisa Rússio viveu quase 55 anos, um tempo em que realizou algumas das possibilidades socialmente previstas, de acordo com a sua condição no mundo (em termos de gênero, classe, território de pertencimento etc). Foram anos também em que ela exercitou liberdades individuais para destoar desse suposto destino histórico e realizar possibilidades que não estavam dadas para seu grupo social.

Nascida em São Paulo, em 05 de setembro de 1935, recebeu dos pais a composição para o seu nome (Waldemar + Isa). Tinha uma irmã mais velha e dois irmãos mais novos. Courseu seus estudos em escolas públicas e fez o colegial em uma escola estadual<sup>5</sup>, que era bem reputada e recebia alunos de vários locais da cidade, matriculados após um concorrido exame admissional. Esse curso habilitava os egressos a realizar o exame vestibular para acesso ao ensino superior, o que era uma exceção, especialmente quanto à educação de meninas.

Da história familiar, Waldisa Rússio buscou como referência a memória de seu avô paterno, Arnaldo Simões Pinto. Sem tê-lo conhecido, ela se orgulhava da inserção que ele havia tido, junto a elite intelectual paulistana. Simões Pinto viveu sua idade adulta no início do século XX. Foi jornalista e trabalhou para revistas que alcançaram repercussão em seu meio, juntamente

---

<sup>4</sup> Waldisa Rússio Camargo Guarnieri era do signo de Virgem e, no senso comum do conhecimento astrológico, trata-se de um arquétipo ligado à organização, ao trabalho rigoroso, a um temperamento exigente e metódico.

<sup>5</sup> Hoje chamada Escola Estadual de São Paulo. Fundada em 1894, foi o primeiro ginásio do estado.

com Guilherme de Almeida, Monteiro Lobato, Oswald de Andrade e outros. Ele teve relações pessoais com Di Cavalcanti e foi junto com este, segundo Anita Malfatti, responsável por convencê-la a realizar a exposição de pintura moderna em dezembro de 1917. Trata-se da ocasião que se tornou uma espécie de eixo aglutinador das posições em torno da primeira fase do modernismo brasileiro, a partir da repercussão da crítica de Monteiro Lobato<sup>6</sup>.

A identificação de Waldisa Rússio com Simões Pinto a motivou para o estudo da biografia do avô. Ela pesquisou e reuniu material para escrever e realizar palestras a seu respeito,<sup>7</sup> antes mesmo de completar os 20 anos de idade. Muitos anos mais tarde, Waldisa movimentou esforços para comprar uma casa na rua que recebe (até hoje) o nome do avô; aparentemente o único imóvel que adquiriu ao longo da vida. A ligação afetiva que se estabeleceu com esse ente que não conheceu pessoalmente demonstra a valorização da tradição que sua memória evoca. A figura de um intelectual influente nas ideias representativas de seu tempo histórico, cujas relações estão na vanguarda do modernismo brasileiro, possivelmente soava para Waldisa como uma inspiração, o ícone de uma carreira de valor. Essa identificação favoreceu suas referências e relações com o campo cultural paulista, especialmente quanto aos artistas e intelectuais dos mesmos círculos sociais que Simões Pinto. Conforme afirmou Leda Xavier Teles, irmã de Waldisa Rússio: “Meu avô era muito conhecido. Ele era amigo desse pessoal... A Waldisa adorava isso.”<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Conforme se observa em: CAMARGOS, Marcia. Semana de 22 – entre vaias e aplausos. São Paulo: Boitempo, 2002, 184 p.

<sup>7</sup> Conforme informações fornecidas por Leda Xavier Telles (em entrevista para a pesquisa) e currículo de Waldisa Rússio. Fonte: Arquivo IEB-USP, Fundo Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, Caixa 140, código do documento: Cx. 08 V. 54.

<sup>8</sup> TELLES, Leda Xavier. Entrevista concedida a Inês Gouveia. São Paulo, SP. 10/2016.

Waldisa Rússio ingressou na Faculdade de Direito da Universidade do Estado de São Paulo<sup>9</sup>, aproximadamente aos 20 anos de idade. Concomitante aos estudos ministrou aulas de Francês, Português e História do Brasil em cursos particulares na década de 1950. Com esses trabalhos ela custeava suas despesas e desonerava sua mãe do sustento familiar. Seus irmãos mais novos estavam então entre a infância e a adolescência e seus pais haviam se separado. Sua mãe passou a ser a principal (se não a única) provedora da casa. Superando preconceitos com o trabalho feminino, encaixou-se no mercado de trabalho, sem dispor de uma formação profissional prévia para isso, semelhante à maior parte das mulheres de sua geração. A família de classe média, que havia alcançado certo prestígio social na geração do seu avô, empobreceu e essa foi uma realidade que atravessou a infância e adolescência de Waldisa. Ela era muito próxima da família, especialmente de sua mãe. Nos agradecimentos da dissertação Waldisa contou que foi Isa Simões Pinto que datilografou todo o trabalho, à exceção da página em que afirma isso, agradecendo e registrando estar certa de que aquele foi o menor dos sacrifícios feitos pela mãe em seu favor (RÚSSIO, 1977, p. 4). A observação da experiência de sua mãe e a necessidade financeira influenciaram-na a buscar o trabalho desde cedo e em paralelo, a valorizar também a profissionalização pela via do ensino continuado.

Waldisa Rússio destoou do futuro previsto para a grande parte das mulheres de sua geração e classe social, a respeito do nível dos estudos, principalmente ao cursar Ciências Jurídicas. Tenhamos em conta que mesmo diante do aumento do número de faculdades que habilitavam em Direito e da perda relativa de prestígio da carreira, (quando comparamos as décadas de 1940 e 1950 com as anteriores), essa formação ainda era estratégica

---

<sup>9</sup> Universidade pública estadual, considerada uma das maiores universidades do Brasil em vários quesitos.

para o exercício de diferentes carreiras, inclusive para o acesso a alguns postos públicos. Nesse cenário, o curso da USP seguia como um dos mais concorridos do país. Outro aspecto a se considerar é que além do prestígio de um diploma disputado, é certo que, se não antes, durante o curso superior Waldisa Rússio tomou contato com um universo e um sistema de pensamento afeito a problematizar politicamente a realidade social e as regras instituídas. Essa base certamente contribuiu para que Waldisa tomasse a política como aspecto fundamental em sua vida, expressando isso em seus trabalhos, estudos, formulações, nos projetos e nas relações<sup>10</sup>. Ela concluiu o curso superior em 1959, com mais 267 formandos, dentre os quais apenas 20% eram mulheres. Chegou a advogar por seu próprio escritório por um curto período logo após se formar, mas concomitantemente desempenhava uma função técnica na gestão pública do estado, onde ingressou em 1957.

Na gestão pública Waldisa passou por diferentes postos e setores. Na década de 1960 (quando alcançou a carreira superior técnica de administração), participou de um grupo de trabalho voltado para a reforma da estrutura pública do estado de São Paulo, chamado Grupo Executivo da Reforma Administrativa (Gera), instituído em 1967. Tratava-se de um “órgão central de

---

<sup>10</sup> Waldisa Rússio não foi filiada a partidos políticos. Não há também uma autorreferência sobre a sua ideologia política. Na entrevista para a tese, Mario Chagas destacou que informalmente Waldisa lhe dizia ser anarquista, mas que o contexto da afirmação era impreciso, o que para ele parecia um “flerte anarquista”. Segundo ele: “de qualquer modo, sem dúvida, a Waldisa era uma mulher de esquerda, isso ela deixava claro, das posições nos textos, no pensamento, nas práticas, ela era uma mulher de esquerda.” Também Marcelo M. Araujo fez a mesma referência, respondendo que, para aqueles que conviviam com ela, Waldisa deixava totalmente explícito que era uma mulher de esquerda. Também em termos de influências, é importante considerar que seu marido Rossine Camargo Guarnieri era comunista maoista, conforme informou Marcelo M. Araujo. Ambas as entrevistas estão transcritas na tese (Referência propositalmente omitida).



planejamento, coordenação, direção, execução e controle dos trabalhos relativos a reforma administrativa do serviço público estadual<sup>11</sup>. Foi a partir desta reforma que se criaram a Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo e o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT)<sup>12</sup>. Desse contexto decorreu, além disso, a edição de decretos de criação de diversos museus no estado, diretamente relacionados à atuação de Waldisa Rússio<sup>13</sup>. Anos mais tarde, ela afirmou em seu currículo que nesse período foi responsável pela reformulação técnico-administrativa da Pinacoteca do Estado e a planificação jurídica e administrativa do Museu de Arte Sacra e do Museu da Casa Brasileira, cujo serviço técnico dirigiu entre 1970 até 1975<sup>14</sup>.

No fim dos anos 60 e durante a década seguinte Waldisa passou a se dedicar diretamente às questões de cultura no estado e entre 1968 e 1970 participou da elaboração de estruturas e planejamentos ligados ao Conselho Estadual de Cultura<sup>15</sup>. Na sucessão desses acontecimentos ligados à Reforma do Estado, após deixar o Museu da Casa Brasileira em 1975, designada a trabalhar na Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, assumiu o cargo de assistente junto ao gabinete,

---

<sup>11</sup> São Paulo. Decreto n. 48.206, de 07 de julho de 1967, São Paulo. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/norma/?id=86697>. Acesso: 05/12/2016.

<sup>12</sup> São Paulo. Decreto n.º 49.165, de 29 de dezembro de 1967, São Paulo. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/norma/?id=87657>. Acesso: 05/12/2016.

<sup>13</sup> Destaco: Museu de Arte Sacra, Museu do Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro (posteriormente Museu da Casa Brasileira), Museu da Imagem e do Som, Museu Casa de Portinari e o Paço das Artes.

<sup>14</sup> No currículo Waldisa afirma o seguinte: Diretora do Serviço Técnico do Museu da Casa Brasileira (Seções: Museologia, Biblioteca, Divulgação, Atividades Educativas, Pesquisas, Serviço de Restauração, etc). Fonte: Arquivo IEB-USP, Fundo Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, Caixa 140, código do documento: Cx. 08 V. 54.

<sup>15</sup> Idem.

função que segundo ela era reservado a administradores<sup>16</sup>. Nesse contexto trabalhou no Grupo Técnicos de Museus (GTM), realizando uma pesquisa sobre a situação dos museus em São Paulo, visitando, se não todos, a maioria deles. Essa experiência lhe permitiu perceber a diversidade museal do estado e certamente influenciou para que em 1978 ela fosse fazer visitas de estudo em museus em Portugal, França, Inglaterra, Itália e Israel. Nesse ano ainda, Waldisa Rússio assumiu a Direção da Casa Guilherme de Almeida<sup>17</sup> e nos anos seguintes, conciliando o trabalho com o doutorado, se dedicou ao projeto do Museu da Indústria e, cada vez mais, ao campo museológico nacional e internacional.

Waldisa teve evidente progressão em sua carreira, passando cada vez mais a exercer cargos que exigiam seus conhecimentos e certificações em Direito e Administração. Ela seguiu suas funções na administração pública até seu falecimento, momento em que se organizava para a aposentadoria. Na prática, desempenhou – de modo fixo e contínuo – jornadas no mínimo triplas, entre o Estado, a direção do Curso/Instituto de Museologia e as funções de professora. Em 1977, ela escreveu:

A autora deste anteprojeto "sente" a necessidade dos museus para o registro do longo e sofrido envolver do Homem através daquilo que melhor caracteriza a sua essencialidade e existencialidade: o Trabalho. (RÚSSIO, 1977, p. 7)

Waldisa Rússio se entendia como uma trabalhadora. O trabalho foi um elemento chave para a sua visão do mundo. Era visto como o meio de transformar a vida e a realidade. Essa é uma

---

<sup>16</sup> Currículo elaborado por Waldisa Rússio na década de 1980. Documentação Discente de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri. Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

<sup>17</sup> Idem.

referência importante para compreender a sua perspectiva ao dizer que os museólogos deveriam ser trabalhadores sociais. Sua noção, extraída segundo ela de Paulo Freire e de Florestan Fernandes, diz respeito a alguém que trabalha conscientemente a favor da mudança (RÚSSIO, 1990, In: BRUNO, 2010, p. 209). Essa visão do museólogo como trabalhador esteve relacionada à defesa que ela fez da experiência prática, mas também do perfil da formação acadêmica, que em sua opinião deveria se inserir nas Ciências Humanas e Sociais (RÚSSIO, 198? In: BRUNO, p. 144). Argumentava em prol de um trabalhador consciente, que participa do seu mundo social e, por isso, tem o poder de agir sobre ele. Essa mesma visão de trabalhador social Waldisa defendeu durante os trâmites dos projetos que visavam regulamentar a profissão de museólogo, retomados nos anos 1980, e que culminaram com o decreto-lei em 1985<sup>18</sup>.

Outra evidência a esse respeito se tem com o Museu da Indústria, cujo projeto ela elaborou e buscou viabilizar na estrutura pública do estado e que foi tema de seu doutorado. Na perspectiva de Waldisa, era indispensável historicizar os ciclos de industrialização para pensar a história do Brasil. Nesse processo, eram valorizados os conhecimentos dos trabalhadores quanto aos ciclos de produção. O indivíduo, o trabalhador, era visto como potência produtiva. No projeto, o Museu da Indústria seria nucleado em sedes de memória espalhadas pelo estado. Prédios de antigos centros fabris seriam utilizados para expor o processo de produção, sua tecnologia maquinaria e os conhecimentos de cada ramo produtivo. Na sua concepção, o trabalhador teria papel fundamental para falar dos processos fabris, desde a elaboração da narrativa da instituição<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Brasil. Decreto n. 91.775, de 15 de outubro de 1985.

<sup>19</sup> As semelhanças com o Ecomuseu Creusot-Montceau na França não são coincidência, pois Waldisa manteve interlocução frequente com a direção desse museu nos anos 1980. Além de tê-lo visitado, ela chegou a ser convidada para ir até lá ministrar aulas de Museologia.

### **Pesquisa e elaboração em Museologia – Mestrado e Doutorado**

Cursar o mestrado e o doutorado trouxe para Waldisa Rússio uma condição ímpar no campo museológico nacional. Isso não apenas em razão dos títulos (raros entre os profissionais), mas pela experiência ainda incomum naquele contexto de se fazer pesquisas sobre museus e Museologia no Brasil. Com a dissertação (1977) e tese (1980) Waldisa ampliou a capacidade de produção escrita e de divulgação de suas ideias. Registrou publicamente seu pensamento e, diante de um diagnóstico da situação dos museus no estado, formulou críticas e saídas, inclusive técnicas, para a criação de museus mais condizentes com o tempo presente. Em suas palavras, o museu até ali era em grande medida “remanescente colonial nas organizações sociais” (RÚSSIO, 1977, p. 9). Utilizando como ideia central uma citação de Hugues de Varine, na dissertação ela destacou que os museus deveriam existir para as pessoas e não para os objetos.

Na dissertação Waldisa afirmou que, na prática, a direção dos museus acabava espelhando primordialmente as características pessoais dos diretores. Ela observou com isso a ausência de normas estabelecidas e/ou manuais de trabalho que definissem e estabelecessem um padrão mínimo para o serviço que os museus deveriam prestar à sociedade. Destacou também que essas instituições não tinham um quadro estável de funcionários e que isso favorecia que fossem dirigidos e organizados por pessoas sem formação ou experiência na área. Na avaliação de Waldisa, ao menos em São Paulo, essa problemática contribuía para a manutenção da elitização do museu (RÚSSIO, 1977, p. 118). A esse respeito cito sua crítica:

Gerindo coleções que são patrimônio do Estado e como este é um "senhor" (dominus) abstrato e longínquo, o Diretor de Museu se sente "dono e senhor" dos tesouros que guarda e que deveria preservar: Suserano sem muitos vassallos, julga-se

quase sempre mais que curador vitalício – que muitas vezes consegue ser – aquele que vai indicar o seu sucessor: os museus são, assim, pequenos feudos onde as relações são pessoais e não em função de cargos com atribuições formalmente definidas. (RÚSSIO, 1977, p. 121).

A tese, iniciada em 1978 e defendida em 1980, também reflete experiências que Waldisa estava passando, no contexto da administração pública. Centrada em apresentar o projeto do Museu da Indústria, analisou museus semelhantes e buscou justificar a sua importância para a compreensão da história de São Paulo e do país. Nesse período ela estava ligada à Secretaria de Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia e de lá projetou e tentou articular esse museu, que apesar de ter sido legalmente criado e em seu nome terem sido realizadas algumas ações, não chegou efetivamente a funcionar.

Com o Museu da Indústria e com os projetos de museu apresentados na dissertação e tese (igualmente com os vários outros que ela fez na década de 1980), Waldisa Rússio visava estruturar o perfil dos postos de trabalho dos egressos do Curso/Instituto de Museologia. Nesse contexto, evidenciava a preferência por alunos pós-graduados, cuja formação e a experiência profissional (e de vida) fossem em tese mais amplas do que os alunos recém-saídos do ensino técnico ou da graduação. Articulava essa perspectiva com a realidade da formação em São Paulo, inclusive diante da impossibilidade circunstancial de abertura de curso de graduação.

Ainda sobre seu mestrado e doutorado, é importante considerar que trouxeram impactos práticos para as relações de Waldisa no campo museológico brasileiro. Apenas para citar um exemplo: em ambas as bancas de avaliação da pesquisa ela convidou o Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, presidido à época pela museóloga Fernanda de Camargo

Moro. Com isso, Waldisa oportunizou uma aproximação com essa instituição, criando ocasião para que fossem observados seus conhecimentos sobre o campo e, inclusive, as suas críticas. Ainda que o período de boas relações com este Comitê tenha durado pouco, naquele contexto Waldisa Rússio logrou o reconhecimento de sua condição de museóloga, uma espécie de chancela para se projetar para outros estados e também em sua carreira internacional.

Compreendo que os dissensos de Waldisa Rússio com o Comitê Brasileiro e outras instituições do campo museológico são tão importantes para a compreensão de sua trajetória quanto os consensos. Alguns agentes que testemunharam esse período tendem a ressaltar os aspectos pessoais em pauta. Claro, de fato, as pessoas têm temperamentos diferentes e nem sempre afins. No entanto, em termos daquilo que importa analisar, os dissensos também são relativos às posturas desses agentes (e instituições) no campo e, o que é mais importante, podem ser relacionados às visões que estes exercitaram sobre Museologia, museus e museólogos. São aspectos subjetivos e objetivos que se combinam na prática das relações, considerando que as posições que os agentes assumem são sempre umas relativas às outras<sup>20</sup>.

As oposições que Waldisa Rússio manifestava no campo museológico brasileiro criaram-lhe oportunidades para se destacar. Identificando-se com expressões da crítica internacional sobre a função social dos museus, Waldisa buscou traduzir essa visão para a prática do campo museológico nacional. E, se ela não era a única agente em seu tempo que estava dedicada a isso, era certamente aquela que por dentro do campo museológico tinha mais oportunidades para ser ouvida. Refiro-me, por exemplo, a sua influência sobre o ambiente de formação em São Paulo e aos

---

<sup>20</sup> Essa análise está alicerçada na noção de campo do sociólogo francês Pierre Bourdieu, desenvolvida em grande parte de sua obra e que utilizei como arcabouço teórico e metodológico para observar as relações entre os agentes naquilo que designei (para fins desta pesquisa) como campo museológico.

muitos cursos que ministrou na década de 1980 em diversos lugares, dentro e fora do Brasil. Além disso, algo que se observa pela análise de sua documentação é que na década de 1980 ela foi instada – em diferentes contextos – a se pronunciar a respeito de cultura, identificada como uma autoridade quando o assunto era patrimônio e Museologia. Reforçando a questão então, o que se observa é que em termos das ideias em disputa nas relações do campo, Waldisa Rússio se destacou não apenas por elaborar as críticas, mas por conseguir fazê-las aflorar no campo.

Sua condição de especialista autorizada (ainda que isso não fosse um consenso entre os pares), tinha como base aspectos de sua trajetória antes destacados: a formação interdisciplinar e prolongada na pós-graduação, experiência acumulada e conhecimento prático da administração pública e sobre o cotidiano dos museus. Essa condição particular possibilitou que Waldisa Rússio participasse ativamente dos debates sobre a formação, profissionalização, sobre as características (conceituais e práticas dos museus) e ainda, que se inserisse na formulação de políticas públicas cultura.

### **Mulher-política**

Waldisa Rússio foi insistente no diálogo com a Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo quanto à necessidade de construção de uma política cultural e dentro desta, de uma política museológica. No texto “Algumas considerações sobre uma política cultural para o estado de São Paulo”, publicado originalmente no Boletim da Casa Brasileira (1976), ela abordou diretamente a questão (Rússio, In: BRUNO, 2010a, p. 57). Indagou sobre quais eram os “grupos socioeconômicos” beneficiados com as atividades culturais. Ao falar de um “sistema museológico”, Waldisa colocou em debate a ação do Estado, compreendendo que este devia regular o setor em termos de um serviço público a ser prestado à sociedade.

Outro exemplo de como Waldisa Rússio se ocupou com a elaboração de estruturas político-administrativas para a área se tem pela carta enviada pela Associação de Trabalhadores de Museus (ATM)<sup>21</sup>, em março de 1983. Dirigida ao Secretário de Cultura do Estado, apresentava bases para a formulação de uma política museológica. Conforme a carta, entre outras coisas, sugere-se e reivindica-se:

1. A urgente necessidade de elaboração de uma política cultural na qual o povo seja considerado em seu verdadeiro papel de criador e não apenas consumidor passivo de uma produção alheia a ele;
2. Consequentemente, essa política não poderá ser elaborada sem a prévia audiência e efetiva participação dos segmentos organizados da sociedade civil, incluindo a colaboração dos técnicos, considerados **trabalhadores sociais**;

[...]

6. Uma política museológica que:

- a) defina o museu como uma instituição permanente, a serviço da sociedade, com equipe profissional, e dedicado à coleta, pesquisa, guarda e difusão, sobretudo através de exposições, dos testemunhos do homem e do seu meio, com a finalidade de estudo e educação, recreação e prazer.
- b) vincule a criação de museus a prévios estudos e à consulta à comunidade de que ele deve resultar e sobre a qual deve agir;

[...]

São Paulo, 30 de março de 1983<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Associação criada e presidida por Waldisa Rússio, junto com outros profissionais em São Paulo, no ano de 1983.

<sup>22</sup> Arquivo IEB-USP, Fundo Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, caixa: 085, código do documento: 18.0326. [grifos nossos]



Observa-se que a ATM afirma a necessidade de se construir uma política cultural e museológica e aponta uma resposta ao “como”: por meio da escuta da sociedade civil organizada, ampliando a participação na decisão sobre aquilo que era considerado patrimônio. Também busca responder o porquê, para quê e para quem se instituir museus, na medida em que se exorta consultar o grupo implicado, incluindo então “sociedade civil” e “técnicos, considerados trabalhadores sociais”.

Além da atuação em São Paulo, Waldisa Rússio utilizou sua experiência para se inserir no debate de construção de políticas, a partir do Ministério da Cultura, logo que este foi criado em 1985. Por sua iniciativa, a Associação Paulista de Museólogos (ASSPAM)<sup>23</sup> elaborou a síntese para a formulação de uma política museológica nacional, assinada juntamente com o Comitê Brasileiro de Museus e a Associação Baiana de Museólogos e entregue pessoalmente no recém criado Ministério. Em virtude desse diálogo, Waldisa também esteve em reunião chamada pela pasta da Cultura para o debate sobre o primeiro plano de trabalho a ser implementado<sup>24</sup>.

Nesse documento entregue ao Ministério, a área da Museologia é vista de modo amplo, compreendendo as relações entre formação, atuação profissional, compromisso e interesse social das instituições. Evidencia-se, a necessidade de que fossem ampliados os cursos de formação nos diversos níveis, ao passo que também se solicita a criação de mecanismos de escuta e

---

<sup>23</sup> Associação criada e presidida por Waldisa Rússio, junto com outros profissionais em São Paulo, no ano de 1983.

<sup>24</sup> O Ministério da Cultura foi criado em 1985. Foi rebaixado administrativamente à Secretaria em 1990 e em 1992 voltou a ter status de Ministério. Imediatamente após o Golpe de 2016 o órgão foi extinto, mas o governo recuou da decisão, optando por usar a pasta a favor das trocas de influência entre os seus partidos coligados.

participação na formulação das políticas de memória<sup>25</sup>. Faz-se também coro com aquilo que era reclamado pelo campo (registrado em muitos documentos da década de 1970 e 1980) sobre os poucos recursos econômicos aplicados pelo Estado na área. Há espaço ainda no documento para registrar a crítica de que os museus brasileiros naquele momento serviam majoritariamente para o deleite dos turistas e para uma “elite intelectualizada”.

A iniciativa de Waldisa Rússio não se inscreve no livro das primogenituras das políticas museológicas brasileiras, é verdade. O desejo de formulação de uma política para museus no Brasil antecedeu a década de 1980. Um registro disso se tem, por exemplo, com I Encontro Nacional de Dirigentes de Museus, realizado na Fundação Joaquim Nabuco (PE), em 1975. Esse evento legou um documento chamado “Subsídios para a Elaboração de uma Política Museológica”, publicado em 1976. Conforme o documento, relaciona-se a iniciativa do evento com a Política Nacional de Cultura (1975) e afirma-se tratar do estabelecimento do fundamento legal da ação do “Governo no campo cultural”.<sup>26</sup> Em termos gerais, condizente com o contexto político-econômico do período, exprime-se nesse documento a necessidade de o museu se integrar numa lógica de crescimento e desenvolvimento do país e da cultura, ocupando uma função suplementar em relação à Educação e à Ciência. Há também uma perspectiva administrativa que pretende tornar os serviços dos museus “mais eficientes”, com menos investimentos públicos: incentivo ao estabelecimento de parcerias com empresas privadas, geração de renda pelos museus e o estabelecimento de

---

<sup>25</sup> Waldisa não as refere como políticas de memória, mas a representação da memória de grupos é uma perspectiva bastante presente na função que ela atribui aos museus e ao patrimônio de um modo geral.

<sup>26</sup> INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Subsídios para a Implantação de uma Política Museológica Brasileira. Recife: Instituto Joaquim Nabuco, 1976, p. 5.

acordos para aumentar o aproveitamento de profissionais que já atuavam nas instituições.

Comparados, o texto de 1975-1976 e o documento de 1985 são muito diferentes em termos das funções centrais do museu e, com isso, sobre as responsabilidades a serem compartilhadas pelo Estado, profissionais e sociedade civil de um modo geral. Na perspectiva do documento “Subsídios”, o museu tem uma função a cumprir rumo ao desenvolvimento, mas ali não se explicita o papel do Estado para isso. No documento de 1985, o serviço prestado pelo museu deve ser regulado, planejado, organizado e instituído a partir do Estado. Estabelece-se uma correspondência entre o museu e um direito de memória e de representação. O que regula o exercício desse direito – e que está presente no texto de 1985 e em várias outras formulações de Waldisa – é a participação.

Emanando um contexto de repressão da Ditadura Civil-Militar no Brasil, a participação esteve comprometida no evento de 1975, quando a representação dos museus ficou a cargo exclusivo de homens dirigentes dos (maiores) museus e outros dirigentes (homens) do setor administrativo da Cultura. A restrição da escuta aos diretores exprime a realidade social do contexto, em que mulheres eram alijadas da construção política-administrativa. Exprime, no entanto, um paradoxo se considerarmos que o campo museológico era majoritariamente formado por mulheres.

Ainda que uma política museológica não tenha sido instituída em 1985 e nos anos seguintes, é importante observar o ensejo desta formulação que partiu de Waldisa Rússio. Sua visão sistêmica (influenciada também por vários campos de conhecimento, em destaque pela Sociologia) lhe possibilitou avistar aquilo que apenas muitos anos depois se instituiu como um pacto do Estado com os museus brasileiros, sintetizado na Política Nacional de Museus (2003).

### **Considerações Finais**

Considero que Waldisa Rússio foi uma agente ímpar no campo museológico brasileiro e não apenas pela profundidade de suas reflexões, mas também pela variedade dos temas. Esteve dedicada a formular a Museologia teoricamente (assunto debatido na tese, que não foi possível destacar aqui) e também nunca se afastou da prática. Valorizava os conhecimentos empíricos e técnicos e considerava que a teoria precisava responder a questões dos museus de seu tempo.

Há um paralelo evidente entre as posturas de crítica que Waldisa Rússio assumiu no campo museológico brasileiro e as críticas que formulou a respeito dos museus. Fica evidente que na sua estratégia (consciente e inconsciente) e no desenho das relações, era necessário insurgir-se para inserir-se. Mais do que exprimir a crítica, Waldisa encarnou-a. É possível analisar esse comportamento (ou posicionamento) sob diversos aspectos. Em termos de sua biografia, parece-me importante apontar que os enfrentamentos foram a condição para que ela, mulher, vinda da classe média baixa, conseguisse ascender profissionalmente até se destacar no ambiente elitizado dos museus e da cultura.

Quanto ao contexto, também é fundamental lembrar a especificidade dos anos 1980 no Brasil. O cenário de reconstrução política – mesmo que não tenha havido uma ruptura estrutural com os alicerces da Ditadura – criava oportunidades. As palavras democracia, participação, consciência política tinham o tempero daquele momento. Hoje no Brasil é possível (infelizmente) compreender que quando o pacto político atravessa um período excepcional (num contexto de construção ou destruição desse pacto), o conjunto da sociedade tende a reverberar isso mais fortemente. Há momentos históricos que favorecem, então, a tomada de posições políticas. Mas, mesmo considerando que Waldisa Rússio foi influenciada pelo contexto, sabe-se que sua atitude destoou entre os demais agentes (indivíduos e instituições).

Para concluir, destaco que enfatizo que a trajetória pessoal e profissional de Waldisa Rússio possibilita ver a historicidade dos movimentos de crítica à elitização dos museus. Fortalecidas e fortalecidos pela historicidade desse debate, também reconhecemos a sua atualidade. Afinal, temos hoje uma pluralidade de museus de muita expressão, com muitas instituições impensáveis há 20 anos (do ponto de vista das comunidades e grupos representados), mas em termos dos recursos públicos movimentados, os museus ainda parecem estar prioritariamente destinados aos turistas e à “elite intelectualizada”. Creio que é por isso que as palavras de Waldisa Rússio ainda nos provocam tanto:

Continuam os museus, em sua ação educativa e cultural, no servilismo de atender aos ultrapassados programas escolares, reforçando o engano e o autoritarismo de uma instituição que vem sendo discriminadora e deslembrando que este país tem 35 milhões de menores de rua?

Continuam, os profissionais de museus, falando apenas de si mesmos e para si mesmos? Que reconhecimento têm eles da sociedade? No universo de trabalhadores, como nos situamos e agimos? (Rússio, 1989. In: BRUNO, 2010a, p. 201).

O fato de que nos identificamos com a situação que ela descreve e condena é, no mínimo, uma evidência dos desafios que ainda precisamos enfrentar.

#### Referências

BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). (2010). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado:Secretaria de Estado da Cultura, Comitê Brasileiro do ICOM, 2.v.

GOUVEIA, Inês. *Waldisa Rússio e a Política no Campo Museológico*. 2018. 375 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPGPMUS-UNIRIO/MAST. Rio de Janeiro, 2018.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. (1980). *Um Museu de Indústria em São Paulo*. Tese (Doutorado). São Paulo: FESP. Acervo Centro de Documentação da FESPSP.

RÚSSIO, Waldisa Pinto. *Museu, um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento*. (1997). Dissertação (Mestrado). São Paulo: FESP, Acervo Centro de Documentação da FESPSP.

### **Autora**

Doutora em Museologia e Patrimônio (PPPG-PMUS-UNIRIO/MAST), mestra em Memória Social (PPG-MS-UNIRIO), historiadora (UERJ) com especialização em Sociomuseologia (ULHT-ABM-UFBA). Foi pesquisadora do Museu Histórico Nacional e do Museu da Pessoa. Atuou como consultora do Programa Pontos de Memória e esteve à frente da Divisão de Museologia Social, ambos ligados ao Instituto Brasileiro de Museus, do Ministério da Cultura. Desde 2013 atua como articuladora da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro, por meio da qual atualmente coordena o projeto Redes de Memória e Resistência.